

Macuco Também é Gente?, ou a Respeito da Natureza Humana

Carolina Vaz de Carvalho

Graduada do
Curso de Ciências
Sociais / UFMG

**Henrique
Gonçalves
Rodrigues**

Graduando do
Curso de Ciências
Sociais / UFMG

Palavras chave:

literatura,
estruturalismo,
humanidade,
animalidade,
natureza, cultura

Key words:

literature,
structuralism,
humanity, animalism,
culture

RESUMO: O presente ensaio é uma tentativa de análise estrutural de uma obra literária, sob as luzes de Roberto DaMatta e Claude Lévi-Strauss. Utilizando os instrumentos heurísticos da antropologia, ateremo-nos à estrutura narrativa do conto *Caçada de Macuco* de Mário de Andrade. Nosso intuito é identificar elementos que permitam contribuir com a clássica controvérsia entre natureza e cultura, na sua variante animalidade e humanidade já apontada por Tim Ingold.

ABSTRACT: This essay is an attempt to make a structural analysis of a literary work, enlightened by Roberto DaMatta and Lévi-Strauss theories. Using anthropology's heuristic instruments, we will focus on the narrative structure of Mario de Andrade's short-story *Caçada de Macuco*. We aim to identify elements that allow us to contribute to the classic controversy between nature and culture, in its variant form of humanity and animality pointed out by Tim Ingold.

"Tendo consciência de meu papel, estou disposto a receber as admoestações que certamente serão feitas pelos críticos literários. Realmente, minha análise provavelmente rompe com os cânones mais elementares da análise em literatura e, sem considerações formais, reduz uma "obra de arte" à sua expressão sociológica em termos de relações sociais. A desculpa que posso oferecer para minha ousadia é de duas ordens: primeiro, é preciso testar os instrumentos da análise estrutural em outros campos; segundo, a leitura de certos críticos literários tem me deixado perplexo, pois que eles também possuem suas teorias sobre a sociedade humana. Resta, porém, o ponto positivo que é o estabelecimento de um diálogo entre especialistas de campo diversos mais afins." (DAMATTA, 1973, p.99)

Introdução

Este ensaio pretende ser justamente isso, um ensaio, uma tentativa de reflexão. Sendo tentativa, não aspira a ser completa, nem completamente coerente, correndo o risco, inclusive, de ser um grande fracasso. Tentaremos, contudo, seguindo o exemplo de Roberto DaMatta ao analisar o conto de Edgar Allan Poe intitulado *O diabo no campanário*, realizar minimamente uma análise estrutural do conto *Caçada de Macuco*, de Mário de Andrade, destacando suas oposições e operadores lógicos pertinentes ao nosso objetivo. Acreditamos poder assim oferecer uma pequena contribuição à controvérsia a respeito do que interpretamos como sendo *humano*: uma condição singular, diferente de todos os animais; ou o humano é apenas um animal de determinada espécie? Se optarmos antropocentricamente pela primeira, o que nos distingue como seres *suis generis*?

"O que vale na vida é a tentação. Tentemos, pois."

O que faz de um ser humano um ser humano?

Assim, esse pequeno exercício reflexivo tem dois pontos de orientação. O primeiro deles, o conto *Caçada de Macuco*, de Mário de Andrade, ponto de partida e matéria prima do experimento. O segundo, mais um pólo que um ponto de orientação, uma temática de inquietação, uma das questões clássicas - e por isso mesmo traiçoeira - das ciências humanas, a saber: a distinção entre animalidade e humanidade, também expressa nos termos de natureza e cultura.

Um dos motivos para a discussão da humanidade e da animalidade ter se tornado clássica é seu caráter controverso, no sentido que Bruno Latour empresta ao termo¹. Em grande medida, a controvérsia deve muito à polissemia dos termos em que a questão da 'natureza humana' é colocada. Como nota Tim Ingold no artigo *Humanidade e Animalidade*², "natureza" é um dos conceitos mais polivalentes em diversos idiomas. Pensar sobre a natureza humana significa coisa muito diferente, quer se pense na 'natureza do homo sapiens como uma espécie animal em relação a outras espécies animais' ou na 'natureza da humanidade como uma condição de existência distinta da animalidade'. Se não há um significado único para natureza, tampouco se pode reduzir os usos do conceito de cultura a uma única acepção. Cultura e natureza, no entanto, são freqüentemente definidos como conceitos opostos e complementares, ainda que suas fronteiras sejam fluidas.

Destarte, é preciso estabelecer alguns parâmetros do que entendemos como "humano"

¹ As controvérsias latourianas não são meras polémicas, mas questões em aberto, instáveis, cujo resultado não se pode prever de antemão. Uma discussão detalhada do conceito (bem como a contribuição do autor para o debate do tema natureza x cultura) pode ser encontrada na bibliografia utilizada.

² INGOLD, Tim. (1995), "Humanidade e Animalidade". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, n. 28.

para os fins desse ensaio. Como observa Ingold, ser humano, enquanto pessoa, não é condição automática de pertencimento à espécie *homo sapiens*, ou vice-versa. Por sua vez a natureza humana, o compósito entre o que aproxima os humanos dos outros animais - que seria biológico - e o que é singularmente humano, perpassaria a ordem cultural, não podendo ser rígida ou categoricamente limitado. Assim posta a questão, a atribuição da condição de humanidade, e sua negação pela categoria de animalidade, não se dão numa maneira discreta, fixa, mas como resultados variáveis e não mutuamente excludentes de relações e interações. Eis a proposta deste ensaio: explorar as formas como são relacionados os pólos natureza e cultura, dentre outros pares conceituais, no conto de Mário de Andrade, posteriormente refletindo sobre as variações de "humanidade" subjacentes ao texto.

Seguindo os rastros do macuco

1.O conto começa com Maria na varanda, costurando. Tônico aparece à cavalo, perguntando pelo pai, Nhô Pires. Ela se irrita e o insulta. Ele diz que estará toda noite a sua espera, num matagal próximo; para fazer notar a sua presença, imitará o pio do macuco. Ameaça dizendo que se ela não vier, como o pai é caçador, fatalmente irá matá-lo.

2.É-nos apresentado João Antônio Pires, conhecido como Nhô Pires. De corpo esquelético e fraco na juventude, casa-se muito jovem e muda com mulher e filho para São Paulo. Entrega-se ao duro trabalho de tropeiro em Mato Grosso e Goiás. Adquire riqueza, força e filhos.

3.Estabiliza-se já mais velho em São Paulo como coronel na região, cercado e venerado por fazendeiros menores. Tem muito apreço pela mulher e pelo amigo João. Ficamos sabendo que sua primeira mulher morrera a pouco tempo, sem que ele se lamentasse. Os filhos e as filhas já não viviam em casa. O pai fizera questão que saíssem cedo para fazerem cada um a sua vida. Nhô Pires vivia, portanto só, apenas com o orgulho e a terra.

4.Todavia um filho seu, Tônico, morava nas cercanias. "Ambicioso ou vil", vendia galinhas a altos preços, compradas pelos locais por respeito ao pai. Amaldiçoava o filho, pela sua pequenez e infâmia, comparando as galinhas a seus touros.

5.Ficamos sabendo que "A época do castigo

chegou". Numa viagem a São Paulo, volta acompanhado por uma moça tímida e jovem, que apresenta como sua mulher. Maria, sem arrimo nem parentes, casara-se por conveniência, sem amor ou ambição. Sente-se plena, feliz. Vive uma vida austera, sem tristeza ou desejos.

6.O fazendeiro, enfraquecido pela paixão, fica doente. O diagnóstico na capital é que está "fraco do peito". O médico recomenda os ares da fazenda. Enquanto sua mulher, antes tão cândida e recatada, começa a ter mais e mais desejos e vontade de viver, agora que dormem separados devido a enfermidade, Nhô Pires piora em sua doença, cada vez mais abatido.

7.É nesse momento que Maria percebe as investidas de Tônico, que evita, por recato. Contudo, ao imaginar os ciúmes do marido, sente-se confusamente engrandecida. Disfarçadamente e sem perceber, fica cada vez mais afastada do marido, sem lhe negar os cuidados necessários.

8.Num dia, num passeio a cavalo com o marido, Maria sente raiva e vontade de distanciar-se de Nhô Pires, homem rude e agora doente. Nesse mesmo dia, à noite, pensa, sem muito acreditar, na promessa de Tônico. Então às nove horas ouve piar longamente o macuco. Desesperada e querendo contar tudo ao marido, chora baixo, contendo-se.

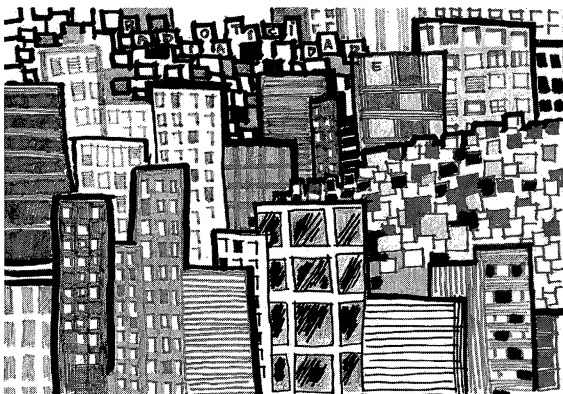
9.Envergonhada, Maria cede e aceita o beijo que o marido oferece, apesar da doença. Assim espera que ele não saia para caçar. Sente-se nobre e mais feliz pelo ato, com mais força para lutar contra as investidas do enteado.

10.Na outra noite Maria, fingindo tranqüilidade, fica apreensiva quando o relógio aproxima-se da hora fatídica. Às nove horas, deita-se, admirada de não ouvir o macuco piar. Quando ele finalmente pia, fica aflita. O marido, caçador inveterado, sente-se provocado pelo pio do macuco. Hesitante, pensando nos conselhos da mulher em relação à doença, Nhô Pires resolve-se e sai, conferindo antes o quarto da mulher. Sem que o marido saiba, Maria, mais e mais aflita, temendo por Tônico, sai logo após para salvá-lo.

11.Na escuridão da mata, Nhô Pires atira no macuco. Em seguida se dá conta que matara Maria. Conta a seu amigo João. De manhã, a mulher de João conta aos vizinhos que o marido fora a São Paulo, levar Maria, que adoecera de repente.

12.Nhô Pires dorme, cansado pela dor, sentindo-se sozinho e com saudades, que há muito não sentia, dos filhos. Recorda-se da outra esposa e sente necessidade de companhia. Percebe que envelhecera e tem medo de morrer. Chora naquela noite, perdendo todo o orgulho. Dá-se conta que queria alguém, gente com ele, carinho. No outro dia ele manda chamar Tônico, que finge viajar. Admira-se de ter errado o segundo tiro. Nhô Pires, furioso, invade a casa de Tônico, encontrando-o na cama com a perna ferida. O filho, com medo e covardia, confessa a traição. O pai expulsa-o da localidade.

13.O boato que começa a correr na cidade, com a suposta morte de Maria em São Paulo e a expulsão de Tônico, é a de que os dois tinham



fugido juntos enquanto Nhô Pires caçava. O fazendeiro vive cercado de carinho e piedade da pequena população do arraial. Morre pouco tempo depois, delirando no leito de morte com a visão de enormes macucos saltitando ao redor.

Os ovos do Macuco: cru, cozido ou podre?

Claude Lévi-Strauss, em sua conhecida obra *As Mitológicas*, tratou de analisar diversos mitos indígenas utilizando-se do método estruturalista, identificando pares de oposição na estrutura das narrativas míticas a fim de relacioná-los. Da mesma forma, tentaremos buscar alguns pares de oposição estrutural no conto andradiano e relacionar seus elementos a dois pólos distintos. Partiremos de um pólo base de diferenciação, natureza/cultura, que orientará nossa investigação.

O título do conto, *Caçada de macuco*, aponta para uma primeira relação entre natureza e cultura, entre macuco e caçador. A natureza selvagem é dominada pelo homem, arquetipicamente representado pelo caçador. No imaginário popular (nem tão popular, somente), a atividade de caça é associada à necessidade de fabricação de ferramentas e, conseqüentemente, à origem e desenvolvimento da cultura material. Nhô Pires, na história, é exemplo de triunfo do homem sobre o meio inóspito - caçador, foi tropeiro, desbravador, e a partir dessa primeira ocupação de embate com o meio natural erigiu os pilares de seu poderio econômico e político. Casou-se novo e doente, antes de ingressar em sua vida de "bandeirante colonizador". Teve muitos filhos, na medida em que foi adquirindo saúde, terras e cabeças de gado. Atingiu certa estabilidade na vida, desfrutando da tranqüilidade e de um influente poder político. Nutria primordialmente o orgulho e a amizade como valores, em contraposição a sentimentalismos e covardia. Após a morte da mulher, tendo mandado todos os filhos para fora de sua fazenda, ficara só, livre, e isso não o incomodava, senão o contrário.

A fazenda pode ser vista como uma domesticação da natureza, uma introdução da ordem social no meio natural. A fazenda faz fronteira não somente com outras propriedades rurais, sob influência de nhô Pires, mas com terras virgens que despontam num matagal, cenário de tensão. Nhô Pires é a expressão máxima de poder na região de sua fazenda; a fazenda é expressão do poder humano sobre a natureza. Podemos apontar alguns pares de oposição estrutural na história, centrados na figura de nhô Pires:

relações familiares : solidão ∴ luta pela vida : tranqüilidade ∴ impotência : poder ∴ mata virgem : fazenda

Todos os pares podem ser relacionados de alguma maneira à díade natureza : cultura. A associação da mata virgem, da luta pela vida e da submissão à natureza, e da fazenda, do poder e da tranqüilidade à cultura dispensam maiores explicações. A associação da solidão

ao pólo da cultura é mais intrigante. A solidão aparecerá na maioria das vezes associada ao pólo masculino (nhô Pires), à tranqüilidade e à cultura. O que nos estranha é que cultura aqui, sendo aproximada da idéia de social (em oposição à natureza, próxima ao biológico, ao selvagem), deveria ser o lugar do público, da relação, e não da solidão.

Uma possível saída aponta para a associação do casamento à necessidade de reprodução biológica e da solidão a uma superação dessa necessidade natural, possível através das ferramentas culturais que dão ao homem independência dos determinantes de sua biologia. É instigante nesse ponto trazer algumas informações sobre o macuco, o avatar que percorre a história. Trata-se de uma ave amplamente distribuída pelo interior do Brasil, cujo nome científico é *Tinamus solitarius* (do latim *solitarius* = sozinho, solitário). Costuma viver solitariamente, empareando-se apenas na época de reprodução. O macuco macho é quem choca os ovos e posteriormente cria a prole com grande cuidado parental. A ave é tida como um prestigiado troféu de caça, sendo a imitação do pio do macuco uma importante técnica de caçada. Caçador e caça, nesse conto, podem estar mais próximos do que uma primeira percepção nos permitiria imaginar. Voltaremos.

À força de nhô Pires contrasta a fraqueza do filho Tônico, que possui apenas uma "sitioca" e cria galinhas, inferiorizados na comparação com a fazenda e o gado de seu pai. Seu caráter é descrito como covarde e vil, uma "covardia orgulhosa" até. Os vizinhos têm por ele condescendência, diferente do respeito que prestam ao pai. O personagem é menos desenvolvido na narrativa, mas pelo pouco que se nos revela podemos perceber que ele é uma versão fraca do que seria o domínio humano sobre o natural, é uma paródia do pai, e será alvo de desdém deste ao fim da história. Tônico é na narrativa associado ao matagal - prenúncio da natureza nos limites da fazenda - onde imita o pio do macuco às noites, e a uma paixão incestuosa³, ousada, "séria e bruta", sertaneja. Tônico é oposto ao pai, mas não se pode dizer se está no pólo cultura (ou natureza) sem se analisar o caso de Maria.

No início do conto, Maria descansa na varanda, aparentemente tranqüila. Com o desenrolar da narrativa vamos saber melhor quem é Maria, colhendo pistas para melhor entender a tensão que se passa entre ela e Tônico. Nhô Pires conhecera Maria em uma de suas viagens à São Paulo. Ela estava em busca de tranqüilidade e segurança, e viu no casamento uma maneira de consegui-lo. A cidade grande vai operar uma transformação na ordem estrutural previamente estabelecida na história. Aqui os pólos se invertem em alguma medida na relação entre fazenda e cidade. São Paulo, a capital, é lugar de civilização, a humanidade por excelência. São Paulo detém os bens de consumo refinados e supérfluos, e também o conhecimento especializado, por vezes necessário.

Nhô Pires vai freqüentemente à cidade fazer compras e é na capital que se encontra atendimento médico. É local de refinamento e

³ A caracterização da paixão de Tônico por Maria como incestuosa se refere antes a uma violação das regras de aceitação social do que a uma infração da proibição da relação entre parentes, tal qual caracterizamos o incesto. Em nossa sociedade, o incesto é racionalizado a partir da noção de laços biológicos, o que excluiria Maria dessa interdição. Por outro lado, Maria é madrasta de Tônico, o que equivale à posição de mãe na estrutura familiar em questão.



erudição. É o excesso de civilização, o excesso de cultura, que significa enfraquecimento em outros aspectos - fraqueza da força física, que seria desenvolvida no trato com o meio natural; fraqueza moral causada pela indolência e pela satisfação de prazeres. Frivolidades - o jantar que predispõe a fraquezas sentimentais, o ar que faz brotar ânsias dantes inexistentes. O ar da cidade torna Nhô Pires predisposto a sentimentalismos, enquanto o ar da fazenda é recomendado pelo médico como cura para sua fraqueza física (curiosamente, ele é diagnosticado como "fraco do peito", região do corpo identificada, através do coração, com as emoções). Maria, como ser vindo da cidade, está no limiar do excesso de civilização que representa uma volta a alguns defeitos da natureza, ou melhor, defeitos da impotência perante a natureza. Ela é um ser de compaixão e dever, sentimentos ligados a um refinamento cultural, mas também de horror à doença (a doença e a morte são lembrança de que o homem não pode furtar-se de sua constituição biológica) e de conflitos morais quando descobre em si uma ânsia por emoções, por uma vida mais "vívica".

Maria será o elemento da cidade introduzido na fazenda, causando um desequilíbrio na relação entre fazenda e mata virgem, simbolizando um enfraquecimento progressivo de Nhô Pires. Por outro lado, será ela quem cuidará de sua enfermidade, sendo aproximada ao pólo da saúde - aquela que cuida - em relação ao pólo da doença - Nhô Pires, aquele que padece. Uma mudança nos status das personagens fora iniciada pelo novo casamento, decorrente da viagem de Nhô Pires a São Paulo, cuja cena é anunciada sucintamente pelo narrador com a frase "Então a época do castigo chegou". Nhô Pires representará para Maria o poder regulatório da vida social, das regras sociais que, por previsíveis, garantem tranquilidade onde a natureza dá margens a incertezas; contudo, o fazendeiro se sentirá mais só e doente, enfraquecido com sua paixão (mal correspondida) por Maria, entregando-se contra as recomendações médicas aos prazeres das caçadas.

Temos então, depois do casamento com Maria, novas estruturas de relação derivadas da primeira série apresentada acima. As séries dizem respeito às relações entre Tônico e Nhô Pires (série A), entre Nhô Pires e Maria após o casamento (a série B mostra a perspectiva de

Nhô Pires, enquanto a série C se constrói do ponto de vista de Maria) e entre Tônico e Maria (série D):

Série A - Tônico - Nhô Pires: fraqueza : força
.: condescendência : respeito .: covardia : bravura .: galinhas : bois .: macuco : caçador
.: tônico : Nhô Pires .: mata : fazenda

Série B - Maria - Nhô Pires: novo casamento : solidão .: relacionamento : autosuficiência
.: sentimentalismo : sobriedade/controle .: doença : saúde .: fraqueza : força .: mulher : homem .: maria : Nhô Pires .: cidade : fazenda

Série C - Nhô Pires - Maria: casamento : solidão .: regularidade : incerteza .: tranquilidade : insegurança .: força: fraqueza .: sobriedade : sentimentalismo .: homem : mulher .: Nhô Pires : maria .: fazenda : cidade

Série D - Tônico - Maria: instinto : moral .: sentimentos brutos : sentimentos refinados .: incesto : regras sociais .: tônico: maria .: mata : cidade

Há ainda a relação entre as três unidades espaciais da trama: a mata, a fazenda e a cidade. Por ora, consideremos que mata : fazenda .: fazenda : cidade e, paralelamente, natureza : cultura .: cultura : excesso de cultura.

Os dias que antecedem o ápice da trama são palco de eventos marcados pela mistura entre esses pares, pelo enfraquecimento das oposições e diferenças: mistura do homem com a mulher, do enfermo com a "enfermeira" (aquela que cuida, signo da saúde), do ser solitário com o ser sociável, indistinção dos limites entre o instinto e a moral, entre a tranquilidade e a incerteza, aproximação da cultura com a natureza. Misturas são sempre perigosas, representando na maioria dos casos um tabu, que acarreta conseqüências se violado. O que se deu após o encontro em que Maria "deixou-se conduzir", no momento de violação da restrição de contato imposta pela doença e concomitante ameaça de violação do tabu do incesto? Vitória do pólo da cultura, do masculino, de Nhô Pires. Anulação da mulher (morte de Maria) e da sensibilidade (volta da indiferença).

Retorna-se momentaneamente à tranquilidade e à solidão. Ocorre então uma saturação do pólo cultura que, operando de modo inverso, dá lugar a um esvaziamento do orgulho, ligado ao masculino, agora tornado covardia. Sentimentalismo e medo da morte, reconhecimento da impotência do homem perante alguns imperativos naturais. Nhô Pires irá buscar a companhia de seu filho e, num último lampejo de orgulho e poder, expulsá-lo de seu domínio. A interpretação que os vizinhos fazem dos fatos, uma fuga de Tônico e Maria enquanto Nhô Pires caçava, restabelece um equilíbrio. A solidão se tornará insuportável em seu excesso, até o ponto em que o sujeito - Nhô Pires -, agora objeto de piedade e sentimentalismo, morre.

No primeiro volume de *As mitológicas - O cru e o cozido*, Lévi-Strauss faz uso de diversos mediadores entre as categorias de cru e

cozido. Seja o fermentado ou queimado, temos na figura do podre um terceiro ponto além do par em questão, remetendo tais categorias aos vértices de um triângulo. No nosso caso podemos associar o podre a um meio caminho entre natureza e cultura, ou a um excesso desequilibrado de cultura, que leva a um retorno à natureza, ou antes, que coloca em crise o sistema. Assim, os elementos desencadeadores dessa crise, elementos que representam o podre, são: Tônico, que se encontra a meio-caminho da dominação cultural sobre a natureza exemplificada por seu pai, e num outro plano é o elemento de distúrbio da relação entre Maria e nhô Pires; a cidade de São Paulo, marcada por excessos (o podre também é consequência de um moquear exagerado), associada ao segundo casamento - e início das desgraças - do fazendeiro e à sua doença; e a própria Maria, por transferência das qualidades excessivas da cidade de São Paulo, sofre e causa um processo de apodrecimento, catalisando a deterioração das relações de poder de nhô Pires com seus agregados, com seu filho e com a natureza.

Vimos que o pólo da cultura venceu, prevaleceu sobre a natureza, nas relações entre nhô Pires e Maria e Tônico. Se tônico : nhô pires : maria . . . mata : fazenda : cidade, a fazenda resiste, como nhô Pires, à mata virgem e à cidade. A correlação de cultura e poder facilmente extraída dessa observação é traiçoeira, entretanto. Pois é a cidade a origem das transformações, cujo agente é Maria, transformações na direção da impotência de nhô Pires. Mas Maria não é a natureza bruta, tensão fundamental à cultura: é a natureza deslocada, associada à doença - e por analogia à podridão. Tônico também, sem poder ser colocado no pólo da cultura (seus atributos são por demais fracos, consequência de uma transformação não madura) nem da natureza, está situado no pólo da podridão - ele é o parceiro de Maria na desordem do sistema. A cultura venceu, mas venceu porque saturou, transbordou os limites, entrou em colapso. Contrariando nosso senso, o macuco caçado - *Tinamus solitarius* - venceu. A solidão, que esteve ao lado da cultura, prevaleceu.

Macuco também é gente?

De que forma podemos inserir o par humanidade/animalidade nessa estrutura? A resposta óbvia seria de que os humanos estariam para a cultura assim como os animais para a natureza. Mas como fica o elemento da solidão, talvez o mais importante durante todo o conto, ao lado da cultura e ao mesmo tempo ligado a um animal, o macuco? A pergunta passa pelo questionamento acerca

da constituição da natureza humana, se esta reside numa condição física ou numa condição moral de humanidade. Tudo depende, como aponta Ingold, da maneira como definimos "natureza": como uma qualidade essencial que todos os indivíduos de determinada espécie, e apenas eles, possuem; ou como referência direta e explícita ao mundo físico, material. Desse modo, a natureza humana pode residir tanto na nossa humanidade, enquanto condição particular de existência, quanto na nossa animalidade, enquanto seres vivos descritos por taxonomias do campo da biologia.

A tendência humanista é optar por uma visão antropocêntrica, situando a qualidade distintiva dos seres humanos no plano moral da cultura - mas poderia ser também a fala, o espírito, a alma, o pensamento, entre outros. Contudo, como podemos sustentar que a humanidade é o exato oposto da animalidade, se não podemos negar que todo ser humano é também animal? O nó se dá porque num sentido humanidade aponta para uma categoria biológica (a espécie *Homo sapiens*), enquanto noutra a clivagem é a condição moral de pessoa. Nessa segunda perspectiva, entende-se como humano apenas os seres que estão "existindo de modo humano". Humano aqui é o sujeito moral, não o organismo biológico. O fato de empregarmos o mesmo epíteto - humano - para nos referirmos às duas coisas mostra a nossa convicção de que só os indivíduos pertencentes à espécie humana podem ser sujeitos (INGOLD, 1995, p.45-47).

Esse questionamento é revelador das limitações de se tratar dualidades como dualismos. Se lembrarmos das nossas ressalvas iniciais, humanidade e animalidade podem ser tratadas como atribuições não excludentes, mas relacionais, dependentes da caracterização do que configuraria a condição humana. Considerando-se os aspectos do domínio da natureza e do controle dos instintos, nhô Pires encarna os valores de humanidade. Em contrapartida, na forma como se relaciona com sua primeira esposa e filhos, o fazendeiro tende à animalidade - e comparativamente o macuco macho que zela por sua prole está na humanidade. Se Tônico beira a animalidade por sua impotência perante a natureza exterior e interna ao homem, na visão de nhô Pires, sua entrega à paixão por Maria pode representar para essa a condição humana de vida, contrastada à condição biológica de mera existência. A humanidade está na razão e na sensibilidade, na dependência e na auto-suficiência, na força e na fraqueza, na regularidade e na quebra das regras. A solidão e a relação aparecem como atributos de duas humanidades distintas, ambas contidas na animalidade do macuco.

Submetido em março de 2010.

Aprovado em junho de 2010

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mario de. (1980). *Caçada de Macuco*. In: "Obra Imatura". Belo Horizonte, 3ª edição, Editora Itatiaia Limitada.
- INGOLD, Tim. (1995). "Humanidade e Animalidade". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, número 28, ano 10: 39-53.
- LATOUR, Bruno (1994). *Jamais fomos modernos*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, Editora 34.
- _____. (2000). *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo, UNESP.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. (2004). *O cru e o cozido*. Tradução de Beatriz Perrone-Moises e Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo, Cosac&Naify.
- DAMATTA, Roberto. (1973). "Poe e Lévi-Strauss no Campanário, ou a Obra Literária como Etnografia". In: *Ensaio de antropologia estrutural*. Petrópolis, Editora Vozes.
- POE, Edgar Allan. (2008). "O diabo no campanário". in *Histórias extraordinárias*. Seleção, apresentação e tradução de José Paulo Paes. São Paulo, Companhia das Letras.